

## O VAQUEIRO (\*) (\*\*)

Manoel de Andrade



Cleto de Assis

O nordeste brasileiro, em todos os sentidos, é uma região de contrastes. A estreita faixa costeira, que se estende da Bahia até o Pernambuco traz ainda o trauma ambiental do ciclo da cana-de-açúcar, cuja monocultura, nos séculos XVI e XVII, devastou a Mata Atlântica, transformando parte da região em grandes e áridas savanas. Mas sempre subindo, rumo ao norte, pude ver zonas de vegetação abundante, regadas por chuvas que caem durante todo o ano e constantemente refrescadas pela brisa acariciante dos ventos alísios. Dizem os geógrafos que o clima da região, tropical e úmido, é um dos mais agradáveis do planeta. Já o seu interior é quase um deserto onde, a maior parte do ano, a região é assolada pelo fenômeno anual de uma prolongada seca e por um calor abrasador. Depois de alguns dias em Teresina, segui para Floriano, a segunda cidade no estado do Piauí, levado pelo interesse jornalístico em conhecer os trabalhos de represamento da Hidroelétrica de Boa Esperança, uma obra de fundamental importância para o desenvolvimento da região, em construção no Rio Parnaíba, cujas águas dividem o Piauí do Maranhão. Voltei ao cabo de alguns dias à Capital para dali retomar o caminho para o sul. Essa era uma etapa da viagem que eu vinha aguardando com ansiedade, para poder penetrar na intimidade do sertão do nordeste. Conhecer, enfim, aquele mundo onde somente os fortes podiam sobreviver.

Às três horas da tarde o calor era insuportável, Estava empapado de suor e a sede me chegava às entranhas. No meio daquelas paragens desoladas, onde raramente, naquela época, cruzava-se com outro veículo, parei o carro e tirei a roupa. Abri a mala, vesti um short e segui rumo a Araripina. Começava, finalmente, minha viagem pelo coração do nordeste brasileiro. As estradas do interior eram péssimas e cheias de ondulações paralelas parecendo, literalmente, com uma tábua de lavar roupa. Não tive outra alternativa senão ir baixando a calibragem, amolecendo os pneus até dez libras. Às vezes, há um rio cortando seu trajeto. Normalmente são rios de curso temporário e, quando não estão totalmente secos, para cruzá-los há que seguir os garotos que, por alguns centavos, metem-se na água, e caminhando adiante do

veículo, vão indicando o vau ao condutor. Pela ausência de pontes, o interior do estado do Piauí, o mais pobre do Brasil, foi onde me deparei, por muitas vezes, com essas travessias. Entre os rios secos havia um mais profundo e, com a chegada das chuvas, deveria correr em violento turbilhão, inundando o imenso vale. Havia um pontilhão semidestruído e impedido. Para cruzá-lo descia-se uns quatro metros e andava-se mais uns vinte pelo lado direito das estacas do pontilhão, para deixar o leito seco por uma subida íngreme e pedregosa. Supus que por ali não subiria um caminhão e era estranho imaginar aqueles barrancos cobertos pelas águas de um curso poderoso e apressado, em busca do mar longínquo. Lembro-me de uma passagem semelhante, no romance *Os Rios Profundos*, do peruano José Maria Arguedas. Ernesto, o personagem, narra:

*"a enchente desses rios andinos de regime imprevisível; tão secos, tão pedregosos, tão humildes e vazios durante anos, e em algum verão encoberto, ao precipitarem-se as nuvens, incham-se de uma água impetuosa e se tornam profundos; detêm o caminhante, despertam em seu coração e em sua mente meditações e temores desconhecidos"*<sup>1</sup>

A cada quatro léguas aparecia uma casinha na beira da estrada. Lá, a medida das distâncias era a légua e a légua tem cinco quilômetros. Era um quadro que se repetia invariavelmente: uma cabana de palha, uma mulher na porta com uma criança no colo e, na frente da casa, três ou quatro crianças, seminuas, magérrimas e com as barrigas inchadas pelas lombrigas.

A certa altura do caminho, um homem de meia idade me fez um sinal de parada. Parei um pouco adiante e pelo retrovisor vi-o correndo no meio da poeira. Cumprimentou-me com um sorriso sem dentes e com essa reverência e simplicidade com que a gente do campo saúda os forasteiros, pedindo se eu podia lhe "dar uma passagem" até um povoado próximo.

--Está a uma légua daqui --- disse-me ele. Uma légua para um sertanejo é, na realidade, mais de duas. Acostumado às grandes distâncias e a dispor de um longo tempo para tudo, seu sentido de espaço e duração é sempre relativo. Dir-se-ia que ele, tal como o jangadeiro em alto mar, vive num tempo mágico, naquele sentido de duração do tempo que permanece, fora do tempo linear e contínuo do relógio. E, no entanto, quando começa a "filosofar" sobre as coisas da vida, tem um sentido muito especial de exatidão e praticidade, expressadas através dessa sabedoria das parábolas e provérbios que a natureza mesma o ensina. Com o tempo, percebi que o sertanejo do nordeste dificilmente usa conceitos abstratos e adjetivos para realçar a importância ou a beleza de alguma coisa. Fala com essa linguagem das coisas do seu cotidiano, com a força telúrica das palavras que muitas vezes se aproxima da poesia. Seus poetas retratam essa beleza na literatura de cordel e em músicas que ficaram famosas no Brasil como *Assum preto* de Luiz Gonzaga, quando canta que "*Tudo em volta é só beleza/ céu de anil e a mata em flor*", e nos versos de *Mucuripe*, aquela canção de Belchior que expressa, com o mais rico lirismo, a vida camponesa, descrevendo, em quatro versos, a trajetória da semente, da flor e da fibra, colhida, tecida e transformada em traje:

(...) "*Calça nova de riscado  
paletó de linho branco  
que até o mês passado*

<sup>1</sup> ARGUEDAS, José Maria. *Os rios profundos*; trad. Glória Rodríguez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 100.

*lá no campo ainda era flor”(...)*

Conversamos longamente durante todo o caminho. Curioso por formar um perfil daquele povo do sertão, fiz-lhe muitas perguntas. Disse-me que era um camponês e trabalhava perto dali. Que sua jornada de trabalho começava às seis horas da manhã e só terminava quando o sol se punha. Recebia um cruzeiro por dia de trabalho e, descontados os domingos e feriados, seu salário mensal aproximava-se de vinte e cinco cruzeiros. Contou que trabalhava por temporadas em determinadas fazendas, mas a maioria dos camponeses da região vivia na terra do patrão e, como eram arrendatários, tinham que lhe dar a metade da produção. Além disso, tinham que trabalhar, gratuitamente, alguns dias da semana nos campos do patrão e não podiam abandonar a fazenda para trabalhar em outras partes. Quando chegamos ao povoado, partilhamos uma cerveja e ao nos despedirmos perguntou quanto me devia pela “passagem”. Esqueci seu nome, mas lembro ainda da sinceridade com que falava e da sua conduta respeitosa. Semi-analfabeto, filho da miséria e da desesperança, aquele camponês era apenas um dos milhares e milhares explorados pelos “coronéis” da região.

A estrada que levava do Piauí ao estado do Bahia era pleno sertão, era a caatinga. O sertão é a caatinga e a caatinga é uma capa de arbustos baixos, retorcidos, de aspecto seco e agreste, às vezes tupidos, às vezes escassos. O solo é pedregoso, difícil e desnudo. A temperatura, que durante o dia pode passar de 40 graus, refresca com o cair da noite e esfria de madrugada. Para o sertanejo, só existem duas estações no ano. O inverno é chuva e o verão é seca. Nas épocas de seca prolongada, o gado morre, as colheitas perdem-se e, quando se perdem as últimas esperanças de chuva, ele se vê obrigado a deixar o pouco que tem e emigrar para a costa ou então empreender uma imensa viagem para o sul. Nela participam famílias inteiras e, às vezes, povoações inteiras que emigram trazendo consigo suas vacas, galinhas, cavalos, cachorros, quadros, imagens de santos, objetos de estima, utensílios domésticos, móveis, enfim, quase todos os seus pertences. O romance, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é um comovente retrato desse drama. Desde menino, eu sempre ouvia, no sul do país, as histórias dessas grandes peregrinações que chegavam a durar muitos meses e se transformavam em verdadeiras epopeias. Para o nordestino, o sul era a região da abundância, dos vales férteis e úmidos e das cidades gigantescas que eles durante toda a sua vida ouviram falar. Todo nordestino sonhava chegar ao sul um dia. O sul era a sua Canaã, a sua Terra Prometida. E, no entanto, seu coração estará sempre atado, entranhavelmente atado, a sua própria terra. No Brasil de então era muito comum ouvir canções que contam a história dos “paus-de-arara” que chegaram a São Paulo, penaram a princípio, trabalharam em muitas profissões, muitos se alfabetizaram ou aprimoraram as bases dos seus estudos, depois se casaram e, com o nascer dos filhos, foram criando fortes raízes na nova sociedade; e no entanto, seu sonho é poder voltar um dia ao seu “cariri”, ao inesquecível rincão onde nasceram.

De quando em quando alçavam voo. Estavam no meio da estrada, no alto dos barrancos e pousados nos galhos das árvores secas. São pequenos e não chegam a ter o porte de uma galinha, mas são as aves mais ferozes do país, ainda que seu principal habitat seja o nordeste brasileiro. Faz alguns anos, uma composição popular cantou sua fama e valentia pelo Brasil inteiro:

(...) "*Carcará,*  
*Pega, mata e come*  
*Carcará*  
*Num vai morrer de fome*  
*Carcará*

*Mais coragem do que home  
Carcará,  
Pega, mata e come  
Carcará é malvado, é valentão  
É a águia de lá do meu sertão  
Os burrego novinho num pode andá  
Ele puxa o umbigo inté matá.”(...) <sup>2</sup>*

Contaram-me mais adiante os vaqueiros, que a maior façanha desse gavião é lançar-se num voo certo contra um novilho e com seu afiado bico arrancam-lhe um olho e depois o outro e uma vez cego destroça-lhe a pele e quando o jovem animal morre dessangrado, devora-o.

A sucessão dos acontecimentos tornou inesquecível aquela tarde. O sol baixava avermelhado e eu tinha a boca seca, quando parei o carro e me aproximei deles. Conversavam sentados sobre pedras e troncos secos e seus cavalos caminhavam ali por perto.

– Boa tarde, os senhores poderiam me conseguir um pouco de água?

– Por aqui tem água não, seu moço – respondeu-me um deles, enrolando um cigarro de palha. Todos me olharam de alto a baixo, certamente estranhando minha pouca roupa. Houve algum silêncio e expectativa.

– O moço conhece a *coroa de frade*? – perguntou-me o mais jovem dos vaqueiros, puxando uma faca que trazia na cinta.

– *Coroa de frade*??? --- exclamei interrogando – Não, nunca ouvi falar.

Levantou-se com um sorriso de quem quer despertar uma curiosidade, desembainhou o facão e entrou pelos arbustos, desaparecendo. Minutos depois, voltou com algo que tinha o aspecto de um cacto arredondado com as folhas cobertas de espinhos, e por cima um fruto que tinha a forma de um chapéu rosado. Cortou o fruto e me entregou dizendo:

– Chupe-o!

O líquido não tinha gosto de nada conhecido, mas era pura água. Divertiram-se um pouco com meu espanto e minha forma desajeitada de chupá-lo. Eu também comecei a rir e disse que era a fruta mais estranha que tinha provado em minha vida.

– Não é fruta – disse o primeiro, já pitando o seu palheiro. Explicou-me que era uma planta que crescia por todo o sertão e que quando chovia, sugava a água e podia guardá-la por muito tempo. Que era com essa planta que eles saciavam a sede na caatinga.

Convidado a sentar-me, fiquei à vontade e comecei logo a perguntar. Puseram-se mais sérios quando lhes disse que era um jornalista do Paraná e que queria saber sobre a sua vida de vaqueiros e as coisas do sertão, para publicar numa grande reportagem lá no sul. Entre tantas coisas que diziam sobre a caatinga, chamou-me a atenção a história do gavião carcará e o que disseram sobre um lagarto que casualmente passava por ali. Comentei que era diferente dos lagartos do sul – menor e mais escuro no dorso.

-- Este é o lagarto da batata -- disseram-me, explicando que naquelas regiões havia muitas cascavéis e quando ele se sentia ameaçado pela serpente, corria para morder uma batata silvestre que cresce no sertão. O líquido da batata era um antídoto contra o veneno da cobra e que depois o lagarto voltava para a luta. Armado o combate de morte – longo e feroz – a serpente pica-o várias vezes, mas o lagarto,

---

<sup>2</sup> *Carcará*. Composição musical de autoria de João do Vale e José Cândido.

imune à peçonha da víbora, acaba por matá-la com violentos golpes de cauda.

Simbolicamente, esse é o traço que mais caracteriza a vida do interior do nordeste: a luta pela sobrevivência. Nela estão empenhados não somente os seres humanos, como também os animais. Porém, nem sempre é o mais forte que sobrevive e sim o mais hábil, aquele que pode melhor desenvolver seu instinto de defesa e de ataque.

Havia também, próximo ao local onde estávamos, uma árvore grande, com uns quatro metros de altura, bem formada em galhos e de abundantes folhas grandes e grossas. Os galhos menores pareciam estrelas, pela quantidade e simetria dos espinhos. A planta, revestida de flores brancas, era muito conhecida na região. Contaram os vaqueiros que ela segrega um líquido leitoso com aplicações medicinais e suas folhas e sementes são usadas como alimento para os animais. Para meu espanto, o nome que disseram ser dessa planta era "favela".

Mas nem tudo era pitoresco nas paisagens que iam se abrindo naquele meu descobrimento do sertão. À medida que penetrava pelos caminhos daquele mundo estranho, quase mágico, e dolorosamente verídico, os acontecimentos foram delineando, ante meu espanto, o rosto humano do Nordeste. As expressões visíveis da dor, da resignação e da impotência iam reescrevendo meus ingênuos conceitos de justiça social. O dantesco quadro ia da miséria e exploração extremas até o abuso e a arbitrariedade, elevadas ao nível da violência física e moral. E não se tratava de pobreza, mas sim da miséria absoluta, onde se extingue qualquer traço da dignidade humana. Contaram-me que as pessoas mais empobrecidas pagavam durante toda a sua vida por um caixão, e por um pedaço de terra para serem sepultadas. Que os agentes funerários traficavam com a superstição e atrocidade moral. Segundo eles, aquele que não tivesse sua sepultura seria, eternamente, uma alma penada e seu cadáver, deixado em campo aberto, seria – e era em muitos casos – o banquete de certos animais e das aves da rapina.

Muitas dessas histórias e tantas outras me relatavam os vaqueiros, que estavam por todas as partes do sertão. Fiquei na região da caatinga uma semana, dormindo sempre no próprio carro. Com o passar dos dias, conheci mais de perto a alma dos vaqueiros e, por isso, fui aprendendo a admirá-los. Sua palavra sincera e solidária chega a imantar o coração do viajante à vivência de um mundo, onde o indivíduo não perdeu os valores reais da condição humana. Que diferença brutal entre esse mundo e o relacionamento humano na vida urbana onde, quase sempre, o egoísmo e a hipocrisia se mascaram em cada palavra e em cada gesto. Em sua praticidade e na maneira simples de interpretar as coisas, o vaqueiro do sertão nordestino é tão sábio como os próprios sábios. A vida solitária e itinerante e o trabalho duro, arriscado e aventureiro forjaram sua alma com o aço e a poesia. Com sua pele castigada, seu porte viril e sua honra de homem imaculada; com seus gestos precisos e a rapidez com que toma uma decisão; pela altivez do seu caráter e ao vê-lo montado em seu alazão – cavalo e cavaleiro vestidos de couro – o vaqueiro é a figura escultural do interior nordestino. Conhece todos os segredos do sertão e, quando persegue as reses perdidas na caatinga, é mestre consumado nesse ofício. Suspenso num só estribo e agarrado com uma das mãos à crina do cavalo, pega com a outra a cauda do boi na disparada e, de um puxão, atira-o ao solo com as patas para cima e, com incrível rapidez, pula do cavalo amarrando-lhe as patas.

Ouvi muitas fantasiosas histórias sobre certos vaqueiros. A aventura e o mistério envolviam a vida dos mais famosos. Ninguém sabia onde viviam, nem onde nasceram. Apareciam em fazendas nas épocas de reunir o gado, participavam das grandes

*vaquejadas*<sup>3</sup> e depois desapareciam. Alguns eram aclamados pelo povo por suas façanhas e tinham uma mulher em cada canto da região. Montavam seus cavalos com incrível destreza, cruzando o sertão como relâmpagos, aparecendo e desaparecendo em instantes, entre as matas da *caatinga*.<sup>4</sup> O mestre Vitalino, um escultor popular pernambucano, gravou, magistralmente, essa imagem equestre em seus bonecos de barro.

Nas primeiras décadas do século XX, muitos desses vaqueiros, explorados pelos patrões, revoltados com a pobreza em que vivia a sua gente e pela crueldade dos *coronéis*,<sup>5</sup> que ditavam a lei da vida e da morte aos habitantes do interior do nordeste, começaram a fazer justiça pelas próprias mãos. Tornaram-se famosíssimos com o nome de cangaceiros, ou seja, o que vive no cangaço, no sertão. O mais famoso deles foi Virgolino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião. Nasceu em Pernambuco, em 1897, dominou a região durante 20 anos e morreu em combate, no ano de 1938. Com ele caiu Maria Bonita, sua amante. Conta-se que essa mulher extraordinária era tão temida e valente como os mais famosos cangaceiros. Quando com um tiro na cabeça caiu Lampião, na gruta de uma fazenda sergipana de Angicos, com ele caiu também a maioria dos seus companheiros de luta. Todos foram sumariamente degolados pelos soldados e suas cabeças expostas ao público, para que o povo acreditasse que seus defensores estavam mortos e fizessem desfalecer o único átomo de esperança que então tiveram os ofendidos e humilhados do sertão. Um dos motivos que me levaram a visitar o Museu de Salvador, na Bahia, foi a curiosidade em ver as cabeças de Lampião e Maria Bonita, ali expostas há poucos anos.

Lampião, que havia sido vaqueiro e domador de cavalos, com o tempo se tornou o Robin Hood do sertão nordestino. Assaltava os grandes comerciantes e fazendeiros para dar de comer e vestir à gente pobre da região. Do Ceará até a Bahia foi o mais temível chefe de cangaceiros de todo o sertão. Conhecedor profundo de toda a topografia regional e dotado de uma inteligência tática e estratégica extraordinária, enfrentou as forças repressivas da Polícia Militar de todos os Estados do Nordeste, em mais de cem batalhas, dando morte a centenas e centenas de soldados e oficiais. Seus homens jamais o traíram. Em Araripina, no interior de Pernambuco, um ancião, que me disse havê-lo conhecido, contou que Lampião não era um malvado como muitos acreditavam. O que ele não perdoava eram os delatores. A esses os fazia subir, completamente nus, em um cacto com os espinhos voltados para baixo e aos que se negavam a subir, atirava em seus pés.

Cego de um olho, mas infalível na pontaria, seis vezes ferido em combate e senhor de um poderoso magnetismo pessoal, sua presença arrebatava o entusiasmo das multidões e trazia pânico a todos os coronéis da região. Poeta, tocador de acordeão e amigo do Padre Cícero, um justo e santo homem que vivia em Juazeiro, a história oficial o retratou com a imagem de assassino, assaltante e bandoleiro. A verdade é que Lampião lutava olho por olho e dente por dente num mundo sem lei, marcado pelo

---

<sup>3</sup> *Vaquejada*: (em castellano: rodeo vacuno)

<sup>4</sup> Para los lectores de lengua castellana informamos que *Caatinga* (de la lengua indígena *ka'a* (mata) + *tinga* (blanca) = mata blanca) es el único bioma exclusivamente brasileño, lo que significa que gran parte de su patrimonio biológico no puede ser encontrado en ninguna otra parte del planeta.

<sup>5</sup> *Coroneis - Coronelismo* = sistema implantado durante la *República Vieja* (1889-1930), enseguida a la Proclamación de la República de Brasil, donde los “coroneles” (ricos hacendados que compraban sus títulos militares) eran los principales responsables por el comando del escenario político del país. En una época en la cual la economía se concentrada casi exclusivamente en la producción rural, la influencia de los grandes hacendados era muy grande, principalmente sobre la política y la toma de decisiones que afectaban directamente la vida de los ciudadanos más pobres.

código absoluto, cruel e desumano dos poderosos. Sua ação guerrilheira significou o tempo de justiça social que tiveram os explorados e oprimidos do sertão nordestino. É que ainda está por ser escrita a verdadeira história das lutas sociais do nordeste. Fatos como o Quilombo dos Palmares, no século XVII, um imenso território no Estado de Alagoas, com 50 mil negros que fugiram da escravidão; a verdadeira história do Cangaço e a Guerra de Canudos, são feitos indelévels nos anais das lutas populares do passado, mas que convenientemente se buscou silenciar ou pior ainda, desvirtuar a dimensão histórica. A Guerra de Canudos, dirigida em fins do século XIX por Antônio Conselheiro, outra personagem mística, de caráter rígido e de uma severa moral, algo de monge e de profeta que, seguido por uma multidão fascinada por seus poderes espirituais, povoou uma cidadela no sertão da Bahia. Dizem que um gesto seu poderia significar a paz ou a guerra. Quando seu poder começou a crescer, os fazendeiros pressionaram as autoridades e se desatou uma guerra contra o arraial de Canudos, de novembro de 1896 a outubro de 1897. Nesses combates foram aniquilados batalhões inteiros de soldados e, quando caiu Canudos, caiu com o último homem. A história dessa aguerrida resistência foi imortalizada na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O fenômeno de Canudos representa um ciclo de revolta e agitação social em que as massas, secularmente empobrecidas, viram no messianismo o único caminho para ensaiar sua libertação da miséria e da exploração do trabalho, baseada, na época, em relações pré-capitalistas de produção, vale dizer, num sistema de servidão semelhante ao que imperava na Idade Média.

O jangadeiro do litoral e o vaqueiro do sertão foi o nordeste cuja paisagem ficou sentimentalmente retratada em meu coração. Aquele nordeste humanamente grande e desde sempre humilhado. Esse nordeste onde a carência alimentar leva à morte por inanição e que o médico, geógrafo e cientista social brasileiro Josué de Castro denunciou, com todas as letras, em seu livro *Geografia da Fome*. Uma região castigada implacavelmente pela natureza, escravizado pelo *coronelismo* e com a cumplicidade dos governantes. Um Brasil combativo e heroico, tantas vezes falsificado pelos historiadores de academias e simplificado pela gratuidade dos folcloristas.

(\*) Este texto integra o livro ***NOS RASTROS DA UTOPIA: Uma memória crítica da América Latina nos anos 70***, publicado em 2014 pela Escrituras.

(\*\*) As notas em atenção aos leitores de língua hispânica foram sugeridas e redigidas por Cleto de Assis.